

**ÁFRICA ENTRE INDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA:
NEOCOLONIALISMO E O IMPACTO GEOPOLÍTICO DOS DISCURSOS DAS
LIDERANÇAS INSURGENTES AFRICANAS NO SÉCULO XXI**

**AFRICA BETWEEN INDEPENDENCE AND DEPENDENCE:
NEOCOLONIALISM AND THE GEOPOLITICAL IMPACT OF THE
DISCOURSES OF AFRICAN INSURGENT LEADERS IN THE 21ST
CENTURY.**

Abel Calombo Quijila

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação: Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista pelo CAPES (Demanda Social/PGeduc). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades e bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

abelcalombe@gmail.com

RESUMO

O texto analisa a conjuntura histórica das descolonizações e independências africanas, em articulação com a geopolítica do continente, marcada pelo neocolonialismo e pela contínua influência europeia — fatores que ainda contribuem para o subdesenvolvimento da África no século XXI. Busca-se compreender como a imposição da ocidentalização facilitou a pilhagem de recursos naturais e como os assassinatos de líderes africanos insurgentes contribuíram para a fragilidade e o colapso de diversos Estados pós-coloniais. Metodologicamente, adota-se uma abordagem interdisciplinar no âmbito da pesquisa qualitativa, com base na pesquisa histórica, teoria política e em fontes digitais complementares. Identifica-se o neocolonialismo como uma forma contemporânea de dominação e manutenção do poder ocidental sobre a África pós-colonial. Nesse contexto, os desafios da descolonização — especialmente a proteção dos recursos minerais e a busca por autonomia política e econômica — exigem o engajamento não apenas de lideranças como Sonko, Faye, Goïta e Traoré, mas também da juventude africana e de sua diáspora, mobilizadas pelos ideais do panafricanismo.

PALAVRAS CHAVES

África; Neocolonialismo; Subdesenvolvimento; Lideranças africanas; Futuro.

ABSTRACT

The text analyzes the historical context of African decolonization and independence, in conjunction with the continent's geopolitics, marked by neocolonialism and continued European influence — factors that still contribute to Africa's underdevelopment in the 21st century. The text seeks to understand how the imposition of Westernization facilitated the plundering of natural resources and how the assassinations of insurgent African leaders contributed to the fragility and collapse of several post-colonial states. Methodologically, an interdisciplinary approach is adopted within the scope of qualitative research, based on historical research, political theory, and complementary digital sources. Neocolonialism is identified as a contemporary form of domination and maintenance of Western power over post-colonial Africa. In this context, the challenges of decolonization — especially the protection of mineral resources and the search for political and economic autonomy — require the engagement not only of leaders such as Sonko, Faye, Goïta and Traoré, but also of African youth and their diaspora, mobilized by the ideals of Pan-Africanism.

KEYWORDS

Africa; Neocolonialism; Underdevelopment; African leaders; Future.

ÁFRICA ENTRE INDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA: NEOCOLONIALISMO E O IMPACTO GEOPOLÍTICO DOS DISCURSOS DAS LIDERANÇAS INSURGENTES AFRICANAS NO SÉCULO XXI

1. INTRODUÇÃO

Nas sociedades africanas pós-coloniais, é comum atribuir às lideranças locais uma parte significativa da responsabilidade pelo subdesenvolvimento e pela miséria que persistem em muitos países. Esse julgamento baseia-se no fato de que, embora tenham conquistado a independência formal, os antigos colonizadores europeus já não estão fisicamente presentes, e os próprios governos africanos são, hoje, os principais responsáveis pelas estruturas de poder. De fato, muitas dessas lideranças perpetuam regimes autoritários e militarizados, que, apesar de realizarem eleições periódicas — geralmente a cada cinco anos — para atender às exigências formais de uma democracia de modelo ocidental, mantêm um controle rígido sobre as instituições estatais. Esse contexto político tem se repetido em diversos países do continente, alimentando o descontentamento popular e a crescente crítica às elites dirigentes locais.

Apesar de esse cenário ser comum em muitos países africanos, é necessário levantar uma pergunta crítica: a África é realmente livre ou vive sob uma falsa independência, ainda subordinada ao Ocidente por meio de um neocolonialismo moderno? Essa reflexão nos leva a questionar até que ponto a autonomia política conquistada no papel se traduz em soberania real. No pensamento tradicional africano, prevalece a ideia de que “não se pode resolver os problemas sem olhar para as causas”, enfatizando a necessidade de compreender a fundo as raízes dos conflitos para alcançar soluções duradouras. Em contraste, nas abordagens convencionais das ciências políticas, predomina a crença de que “os problemas políticos sempre são resolvidos nos bastidores”, sugerindo que os acordos ocultos, interesses externos e estratégias de poder exercem papel central nas decisões que moldam os destinos dos Estados. Essas duas visões nos ajudam a aprofundar a análise crítica das realidades africanas contemporâneas.

Este texto propõe analisar duas dimensões fundamentais da conjuntura política africana contemporânea: por um lado, as dinâmicas autoritárias que marcaram — e ainda marcam — os regimes políticos de diversos países, como Angola, onde o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) governa de forma ininterrupta desde 1975,

e Moçambique, sob o domínio da FRELIMO desde o mesmo período, além de outras nações africanas com estruturas semelhantes. Por outro lado, examinamos a recente revolução sociopolítica e midiática na região do Sahel, envolvendo países como Mali, Burkina Faso e Níger, que têm protagonizado rupturas significativas com as lógicas tradicionais do neocolonialismo e da subordinação geopolítica no continente.

Ao reunir esses dois eixos, buscamos refletir sobre como o neocolonialismo ainda opera nos bastidores das estruturas de poder africanas e como os movimentos populares e militares na região do Sahel vêm desafiando as formas tradicionais de dominação europeia e reconstruindo discursos de soberania no continente.

No entanto, o desafio atual enfrentado em Angola e em toda a África vai além das lideranças africanas que reproduzem os regimes ditatoriais europeus, sendo egoístas e antinacionalistas, sem se preocuparem com a melhoria da qualidade de vida das populações e focadas apenas em enriquecer suas contas bancárias. Uma análise mais aprofundada revela que essas lideranças frequentemente são usadas como cobaias devido às complexas relações de ingerência e dependência com seus antigos colonizadores, que os colocam em uma posição de subjugação. Não obstante, também não podemos inocentar completamente as lideranças africanas dessa situação, visto que, já são adultos conscientes e se aceitam tais condições é porque desfrutam delas benefícios pessoais.

Assim, nosso texto buscará explorar os aspectos menos discutidos da história que são as interferências europeias nos problemas políticos e sociais dos estados africanos pós-coloniais. Reconhecemos que esses desafios estão profundamente enraizados nas heranças e consequências do colonialismo europeu na África contemporânea.

Para fundamentar nossa discussão, adotamos a abordagem da pesquisa qualitativa, voltada à compreensão aprofundada dos fenômenos característicos das ciências humanas. Estabelecemos um diálogo crítico com fontes bibliográficas, valendo-nos do método de pesquisa histórica proposto por Aróstegui (2006), da teoria política desenvolvida por Easton (1953) e do uso de fontes digitais como via alternativa para o acesso a discursos, jornais, entrevistas e músicas, conforme a temática em análise.

Com base nessas referências, buscamos analisar o impacto das estruturas coloniais no processo de descolonização africana, bem como nas manifestações

contemporâneas do neocolonialismo, abrangendo o período do início do século XX até os dias atuais — contexto que aqui definimos como era pós-colonial.

2. DESCOLONIZAÇÃO AFRICANA E A IMPOSIÇÃO DAS AGENDAS GEOPOLÍTICAS OCIDENTAIS NO SÉCULO XX.

Os estudos pós-coloniais são em si mesmos o produto dialético destes complexos movimentos anticoloniais, fortemente marcados por um nacionalismo que conjuga a marca diáspórica dos seus líderes de formação cosmopolita e as tradições indígenas e pelo objetivo da libertação política que conduziu ao movimento reestruturante do mundo contemporâneo que foi a descolonização. Mas a libertação política não trouxe a libertação económica, condicionando a efetiva libertação política (MBEMBE, 2013).

Tom (2015) destaca que, quando os povos dominados por essas potências coloniais se uniram para derrubar o sistema opressivo da ocupação colonial, suas aspirações foram enfrentadas pela resistência ilegítima e criminosa dos ocupantes, determinados a manter essa condição cruel, desumana e degradante. Isso ocorre porque o opressor raramente abre mão facilmente de suas conquistas. Por sua vez, Moore (2010) observa que, embora as campanhas de pacificação tenham ceifado as vidas de dezenas de milhões de pessoas, os povos africanos continuaram a resistir - muitas vezes contra a vontade de suas próprias elites colaboracionistas.

Durante o período de 1950 a 1970, o Pan-Africanismo estabeleceu uma enorme rede de contatos e trocas de conhecimentos com os povos revolucionários da Índia, Malásia, Paquistão, Irã, Indonésia e Iêmen, formando uma base política de pensadores e governantes denominada Terceiro Mundista, cuja linha de pensamento era autônoma em relação à União Soviética, marxista e aos Estados Unidos e Europa, que detinham um pensamento capitalista espoliativo (DA SILVA, et al, 2023).

Para Santos (2019), as independências africanas são marcadas pelo otimismo que permeava os discursos de seus líderes nacionalistas de libertação. No entanto, de acordo com Carlos Moore, a descolonização africana não representou necessariamente um evento de libertação total do jugo colonial europeu, como geralmente costumamos entender:

A independência política da África aconteceu num contexto de permanência da fragmentação imposta na Conferência de Berlim, agravada pelas novas fragmentações fomentadas pelas intrigas das metrópoles coloniais; foram estas as que criaram a maioria dos partidos “nacionalistas” e financiaram seus líderes. Desse modo, foram poucos os países africanos a chegar à independência com uma direção política independente e verdadeiramente pan-africanista (MOORE, 2010: 42-43).

Por isso, desde a independência do Gana, em 1957, os grandes pensadores políticos africanos e pan-africanistas, como *Kwame Nkrumah, W.E.B. DuBois, Jomo Kenyatta, Patrice Lumumba, Cheik Anta Diop, Julius Nyerere, Marcus Garvey, Amílcar Cabral, entre outros*, apontavam para o dilema da Conferência de Berlim diante da descolonização africana como a nova ferramenta de controle europeu sobre a África subsaariana. Isso se dava devido ao fato de os antigos colonizadores financiarem os partidos nacionalistas africanos que lutavam contra eles para a independência política africana.

Os novos países africanos independentes rapidamente se dividiram em dois blocos distintos. Um desses blocos, majoritário, era composto por lideranças africanas que se mostravam obedientes ao imperialismo, caracterizadas por Moore (2010:45) como “neocolonialistas traidores”. Estes líderes serviam como guardiões dos interesses das potências imperialistas do mundo ocidental e norte-americano que os colocaram no poder. Recebiam apoio e até mesmo eram acariciados com a reprodução dos regimes ditatoriais. Enquanto isso, o outro bloco, em minoria, consistia em líderes que se recusavam a se ocidentalizar. Para Moore (2010), esses líderes eram os verdadeiros defensores dos interesses do continente, cunhados de pan-africanistas. Eles representavam os interesses propriamente africanos e, como resultado, sofreram diretamente com a mão pesada do eurocentrismo, como será abordado mais adiante no texto.

Nos dois blocos ideológicos das lideranças africanas, as questões de “soberania” e “autonomia” requerem uma análise detalhada, pois foram alvos principais das interferências do imperialismo europeu. Os primeiros governos nacionalistas africanos pós-coloniais, ao alcançarem suas independências na década de 1950, logo se viram envolvidos nas tensões da Guerra Fria ocidental (MBEMBE, 2013). Esta era uma disputa essencialmente entre duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, competindo globalmente em termos ideológicos e geopolíticos — o capitalismo liderado

pelos EUA versus o comunismo representado pela União Soviética, conforme sublinhado por Hobsbawm (1945).

Segundo Clarke (1991:389), "[...] os europeus decidiram que exerceriam domínio global, seja por meio do comunismo, do capitalismo, do socialismo ou do fascismo". É crucial ressaltar que o imperialismo europeu não introduziu arbitrariamente, nem por vontade divina, o marxismo, socialismo, capitalismo, línguas coloniais e o cristianismo na África. Essas ideologias políticas, econômicas e educacionais hegemônicas foram impostas no território africano através da força e do racismo europeu. Por exemplo, no contexto da África Austral, os partidos-estados como o MPLA em Angola e a FRELIMO em Moçambique adotaram o regime comunista das antigas URSS devido à forte influência da Rússia e de Cuba sobre a região.

Nessa conjuntura, as lideranças africanas se viram obrigadas a alinhar-se politicamente com um dos blocos ocidentais, muitas vezes sem um profundo entendimento das dinâmicas políticas e econômicas envolvidas. Como *Kwame Nkrumah* (1976) descreve em seu livro "*A Luta de Classe em África*", a imposição da ideologia marxista e socialista na África evidenciou uma falta de compreensão dos princípios de coletividade e compartilhamento de recursos econômicos no continente. Essa ignorância remete ao argumento de Keita (2009), que destaca a diferença entre a África negra e a Europa, onde não existiam grandes propriedades de terra pertencentes a senhores todo-poderosos, ou seja, grandes latifundiários. Na África, o solo sempre foi considerado propriedade inalienável, pertencente à comunidade como um todo.

No entanto, a seguir, analisaremos como a Guerra Fria e o imperialismo europeu, impostos ao longo do século XX, influenciaram e contribuíram para o controle e o subdesenvolvimento dos Estados africanos no período pós-colonial...

2.1 A CONJUNTURA DA GUERRA FRIA NA ÁFRICA: NEOCOLONIALISMO E O IMPACTO DO IMPERIALISMO EUROPEU NOS ESTADOS PÓS-COLONIAIS.

Segundo Nkrumah (1967), o neocolonialismo se baseia no princípio de dividir grandes territórios coloniais, que antes eram unidos, em diversos pequenos Estados inviáveis. Esses Estados são incapazes de se desenvolver de forma independente e acabam

dependendo das antigas potências imperiais para defesa e segurança interna. Em outras palavras, o neocolonialismo representa a continuidade do imperialismo europeu sobre as nações africanas, onde essas nações são exploradas politicamente e economicamente por interesses estrangeiros, em detrimento de seu próprio desenvolvimento.

De acordo com Eric Hobsbawm, a Guerra Fria foi acompanhada pelo imperialismo europeu e pela globalização, os quais buscavam expandir sua influência no mundo tanto por meio da força quanto por meio de instituições nos países colonizados. O autor descreve que a Era dos Impérios não foi apenas um fenômeno econômico e político, mas também cultural:

[...] A Era dos Impérios não foi apenas um fenômeno econômico e político mas também cultural: a conquista do globo pelas imagens, ideias e aspirações transformadas de sua minoria “desenvolvida”, tanto pela força e pelas instituições como por meio do exemplo e da transformação social. Nos países dependentes isto dificilmente afetou alguém fora das elites locais, embora, é claro, se deva lembrar que em algumas regiões, como a África subsaariana, foi o próprio imperialismo, ou o fenômeno associado às missões cristãs, que criou a possibilidade da existência de uma nova elite social na educação de estilo ocidental (HOBSBAWN, 2002:114).

Hobsbawm ainda acrescenta que:

O que o imperialismo trouxe às elites efetivas ou potenciais no mundo dependente, foi, portanto, essencialmente a “ocidentalização”. Esse processo já estava, sem dúvida, em curso há muito tempo. Por várias décadas fora claro, para todos os governos e elites confrontados à dependência ou à conquista, que eles tinham que se ocidentalizar, caso contrário, desapareceriam (HOBSBAWN, 2002:115).

Com base na citação acima, percebe-se que os antigos colonizadores europeus impuseram a ocidentalização de forma política, econômica e cultural nos territórios africanos. A imposição era acompanhada de ameaças de desaparecimento para os países que não aceitassem suas políticas, revelando um neocolonialismo racista durante uma era globalizada. Nesse contexto, as antigas colônias eram forçadas a adotar as agendas dos colonizadores.

O processo de ocidentalização na África trouxe diversas mudanças tanto políticas, econômicas quanto culturais. Isso incluiu a desvalorização das moedas locais, a adoção de modelos monolinguísticos baseados em línguas indo-europeias, a disseminação da educação religiosa cristã e o uso de vestimentas ocidentais nas

instituições estatais africanas, marcando uma era de assimilação cultural. No campo da educação formal, o imperialismo promoveu o que Quijano (2005) descreve como a "colonialidade do poder", influenciando todos os níveis de formação a alienação acadêmica. Essa hierarquia global favorece o Norte Global em detrimento do Sul Global, impondo currículos eurocêntricos nos sistemas educacionais africanos.

No pós-independência, a África subsaariana, apesar de formalmente livre, permaneceu sob influência europeia através de endividamentos e acordos secretos. Ngoenha (2013) observa que diferentes países adotaram várias estratégias econômicas após suas independências, como economias planificadas ou programas de ajuste estrutural, todas sem sucesso. Isso levanta a questão essencial: qual o verdadeiro significado da independência política sem poder econômico em um mundo onde as moedas locais têm pouco valor e as transações econômicas são feitas predominantemente com as moedas dos antigos colonizadores e seus aliados?

Durante uma reunião extraordinária da antiga Organização da Unidade Africana (OUA)⁶ em 29 de julho de 1987, atualmente União Africana (UA), o presidente de Burkina Faso, *Thomas Sankara*, criticou as interferências ocidentais no mercado econômico africano e defendeu a autonomia e autossuficiência como os verdadeiros motores para o desenvolvimento do continente, conforme nos mostra o discurso:

Temos capacidade intelectual suficiente para criar, ou pelo menos para nos appropriarmos da tecnologia e da ciência existentes. Façamos de igualmente, de modo que o mercado africano seja o mercado dos africanos, produzir em África, transformar em África e consumir em África. Produzamos aquilo que necessitamos e consumamos aquilo que produzimos, em vez de importar. O Burkina Faso vem mostrar aqui a roupa cottonate, produzida no Burkina Faso, tecida no Burkina Faso, costurada no Burkina Faso, para vestir os burquinenses. A minha delegação e eu mesmo, estamos vestidos pelos nossos tecelões, pelos nossos camponeses. Não há um único fio proveniente da Europa ou da América. Não pretendo fazer um desfile de moda, mas pretendo simples dizer que devemos aceitar viver como africanos, essa é a única forma de vivermos livres e de vivermos com dignidade. Eu agradeço-lhe, senhor Presidente, Pátria ou Morte, venceremos.⁷

⁶ A Organização da Unidade Africana (OUA) foi fundada em 1963, na capital da Etiópia, Addis Abeba. No entanto, em 2002, foi renomeada como União Africana (UA) (MOORE, 2010).

⁷"Thomas Sankara: Presente!". Disponível em: https://youtu.be/WLO6HlfjseU?si=_09EgH7Dvm8C0YpH. Acessado no dia 23/02/2024.

Sankara enfatizou a necessidade da independência econômica na África pós-colonial, promovendo um mercado interno forte através da produção local para fortalecer o continente e garantir dignidade aos africanos em seu próprio território. Seu discurso influente na década de 80 terminou tragicamente com seu assassinato, alegadamente ordenado pela França, destacando as consequências de desafiar interesses externos pela dignidade africana.

Entre 1957 e 1987, a Europa esteve diretamente envolvida no assassinato de mais de 26 líderes africanos nacionalistas e pan-africanistas, incluindo figuras proeminentes que se opuseram ao neocolonialismo. Estes líderes, foram cruelmente assassinados durante o auge de sua influência política, por defenderem os seus países e uma África livre das ingerências ocidentais. Como nos mostra Moore (2010:49-50),

1957 - Dedam Kimathi (Kénya); 1958 - Ruben Um Niobi (Camarões); 1959 - Barthelemy Boganda (R.Centro Africana); 1960 - Felix-Roland Moumié (Camarões), 1960 - Jean Pierre Finant (Congo); 1961 - Joseph Okito (Congo Kinshasa); 1961 - Maurice Mpolo (Congo Kinshasa); 1961 - Patrice Lumumba (Congo Kinshasa); 1963 - Sylvanus Olympio (Togo); 1965 - Pio Gama Pinto (Quénia); 1965 - Mehdi Ben Barka (Marrocos); 1966 - Ossende Afana (Camarões); 1968 - Pierre Mulele (Congo); 1969 - Eduardo Mondlane (Moçambique); 1971 - Ernest Ouandié (Camarões); 1972 – Ange Diawara Bidie (Congo Brazzaville); 1972 - Jean Baptiste Ikoko (Congo Brazzaville); 1973 – Outel Bono (Chade); 1973 - Amílcar Cabral (Guiné Bissau/Cabo Verde); 1974 - Onkgopotse Tiro (África do Sul); 1975 - Herbert Chitepo (Zâmbia); 1975 - Josiah Kariuki (Quénia); 1976 - Murtala Mohamed (Nigéria); 1977 - Steve Biko (África do sul); 1977 - Modibo Keita (Mali); 1981 - Joe Gqabi (África do Sul); 1982 - Ruth First (África do Sul); 1983 - Attati Mpakati (Zimbábwe); 1986 - Samora Machel (Moçambique); 1987 - Thomas Sankara (Burkina Faso).

Com os assassinatos dos líderes africanos mencionados acima, que compreendiam o contexto internacional e nutriam um profundo amor pela África (MOORE, 2010), e que buscavam construir uma África para os africanos, conforme afirmava *Kwame Nkrumah* (1963), a Europa promoveu a ascensão de outros líderes neocolonialistas negros a seu serviço.

Esses líderes africanos, muitas vezes em conluio com interesses estrangeiros para manter seu poder a qualquer custo, frequentemente concedem recursos minerais estratégicos por valores insignificantes, perpetuando uma forma interna de colonialismo "preto" através da ditadura na África. Isso ocorre devido à atração dos 38 dos 48 minerais

mais estratégicos do mundo para investimentos estrangeiros, conforme descrito por Carlos Moore:

O problema da África continental pode ser resumido em duas palavras: um incomparável *monopólio* sobre 38 dos 48 minerais do mundo considerados estratégicos e cobiçados pelas grandes potências, por uma parte, e uma incomparável pobreza e debilidade estrutural e militar, por outra, que se vê agravada pela balkanização do continente em 53 estados frágeis e individualmente impotentes. Essas duas realidades convergem para a constituição de uma ameaça permanente que paira sobre o futuro do continente africano (MOORE, 2010: 76).

Moore ainda acrescenta que:

As nações do mundo industrializado do Hemisfério Norte focalizam regiões inteiras consideradas como estratégicas em função dos recursos minerais que possuem. O continente africano apresenta características geológicas que não se encontram em outras partes do mundo, de modo tal que, *dos 48 minerais considerados estratégicos pelo mundo industrializado, não menos que 38 deles estão ali concentrados*. Por isso, a África tem sido denominada por geólogos, como o “escândalo geológico do planeta”. Consideremos, por exemplo, a questão dos diamantes, mineral eminentemente estratégico, indispensável para a indústria e a tecnologia modernas. Sem os diamantes industriais, não existiriam os mísseis, os computadores, os aviões, os carros e toda uma série de produtos da tecnologia moderna (MOORE, 2010: 77-78).

Devido a esse fenômeno geológico, conforme destacado por Moore (2010), as nações do mundo industrializado do Hemisfério Norte têm focalizado regiões inteiras da África desde a Conferência de Berlim como estratégicas para assegurar o desenvolvimento das tecnologias, tanto na era colonial quanto na contemporaneidade.

Não é necessário ser um especialista formado em ciências políticas e econômicas nas academias ocidentais para perceber que o subdesenvolvimento africano, devido ao saque de seus recursos minerais estratégicos e à imposição econômica via neocolonialismo, continua a beneficiar mais a Europa e seus aliados em detrimento da África. Eles controlam e ditam regras e os preços no mercado financeiro mundial sobre os países africanos. Como observou o economista moçambicano Sérgio Vieira em sua análise na STV Moçambicana, criticando o FMI e o Banco Mundial, disponível no YouTube⁸:

⁸ Grande entrevista de Sérgio Vieira na STV moçambicana. Disponível em: https://youtu.be/yvShgLQtCow?si=aPJ4MtAD_foLp4pK. Acessado no dia 22/05/2024.

[...] Quanto ao FMI, nada me diz de novo, estou habituado aos senhores de Bretton Woods, [...], o Banco Mundial, desde o fim da segunda guerra mundial o presidente tem que ser americano, FMI o diretor geral tem que ser francês, eu tive alguns choques com eles, eu me lembro quando veio cá um diretor geral do FMI, "Dominique Strauss- Kahn, que acabou e conseguiu acabar com a indústria do cajú em Moçambique, e eu disse o que a gente vai fazer dos operários? Ele disse, wah! podemos dar um fundo para convertermos em artesãos. Eu disse, por que que não fazes isso em França? Os senhores do FMI e do Banco Mundial, devo dizer que quando as nações unidas condenavam, quando toda a gente condenava o apartheid, apoiavam o apartheid. Qual confiança eu posso ter neles? Eles apoiaram o apartheid, incluindo o que impuseram de medidas contra Moçambique, era para facilitar as indústrias e os negócios sul-africanos. Assim morreu a Comata que fazia vagões, morreu o Infloma, morreu a indústria têxtil, a Mabor que ganhava prêmios no mundo inteiro pela qualidade dos seus pneus, graças ao FMI e ao Banco Mundial. Muito obrigado, não têm nada para nos ensinar. [...] De modo que, tenho muitas dificuldades de ter confiança no FMI e no Banco Mundial pelas experiências passadas que nós tivemos, e vejo vários países a quem eles querem apertar a garganta, não é só Moçambique, vários países, mesmo na Europa, em contrapartida, nunca apertaram a garganta ao maior devedor do mundo, que são os Estados Unidos, não apertaram a garganta a grande banca dos Estados Unidos, Inglaterra, da França, [...], agora que confiança eu posso ter dessa gente, vamos lá, sejamos honestos? Não é o FMI, que nos vai salvar, nós é quem temos que nos salvar, trabalhando, e castigando e punindo quem prevarica e voltando a ser exemplo que éramos, uma pátria, uma terra de gente honrada.

Observamos que não foi apenas o povo moçambicano que enfrentou estagnação econômica e o desemprego em massa após permitir a interferência do FMI e Banco Mundial nos seus problemas internos, o mesmo ocorreu em Angola, Burkina Faso e possivelmente em toda a África negra.

Em Angola, especificamente, após a independência em 1975, as antigas indústrias que operavam durante o regime colonial português entraram em declínio, resultando em altos níveis de desemprego. Isso resultou em uma mudança significativa na ocupação da maioria da população, que antes trabalhava nessas indústrias, agora atuando no comércio informal como quitandeiras⁹ e zungueiros/as¹⁰ no antigo maior mercado a céu aberto em África, conhecido como Roque Santeiro no município do Sambizanga no coração da capital do país. Essa transição aumentou consideravelmente a vulnerabilidade das famílias angolanas (CACUTO, 2001).

⁹ Palavra da língua Kimbundu de Angola, para se referir às pessoas que vendem sentados/as nas feiras ou mercados informais.

¹⁰ A palavra "zungueiro", originária da língua Kimbundu, é comumente usada em Angola para se referir a vendedores ambulantes, especialmente aqueles que comercializam produtos em mercados informais ou em feiras ao ar livre.

A influência do neocolonialismo europeu em África é tão evidente que mesmo com a criação da Organização da União Africana em 1963 e de organizações políticas e econômicas regionais subsequentes, como na África Central, Austral e Ocidental, o continente ainda enfrenta dificuldades significativas em oferecer respostas eficazes aos problemas políticos e econômicos locais. Na África Austral, por exemplo, organizações como a SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), estabelecida em 1992 para promover relações comerciais entre seus 14 países membros, assim como os Grandes Lagos e os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), ainda dependem significativamente do consentimento do Ocidente para resolver conflitos internos de maneira autônoma.

Os exemplos notáveis na região Austral, são casos de eleições presidenciais, como ocorreu nas eleições de Angola em 2022. A oposição saiu vitoriosa, mas o então presidente João Lourenço, acusado de ser um impostor, ordenou a mobilização de armamento militar nas ruas para reprimir possíveis revoltas populares. Dois anos depois, *Abel Chivukuvuku*, um dos líderes da oposição na coligação política FPU (Frente Unida Patriótica), revelou publicamente no programa Grande Entrevista África em Portugal, disponível no canal *BEM HAJA - Construindo Gigantes* no YouTube¹¹, que a decisão de aceitar a vitória eleitoral foi devido à "enorme pressão internacional".

Essa pressão pareceu ter como objetivo evitar a derrota do MPLA, o partido-estado que governa Angola desde 1975, devido aos interesses internos nas riquezas do país; outros exemplos são as tensões políticas entre as tropas militares da República Democrática do Congo e as forças armadas M23 do Rwanda¹², na província de Kivu, especificamente na região de Goma, que faz fronteira com Uganda; e a guerra em Cabo Delgado¹³, que assola Moçambique desde 2021 até o momento presente.

¹¹ “Abel Chivukuvuku a 360º sobre o praia-sa, fpu, e muito mais”. Disponível em: https://youtu.be/0UmtrCGIFgU?si=26K4k0xAT_NyXMnd. Acessado no dia 17/06/2024.

¹² “Conflito entre República Democrática do Congo e Ruanda é antigo”. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2022/06/21/conflito-entre-republica-democratica-do-congo-e-ruanda-e-antigo>. Acessado no dia 02/06/2024.

¹³ “Terrorismo em Cabo Delgado”. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/terrorismo-em-cabo-delgado/t-55180646>. Acessado no dia 02/06/2024.

Outro caso ocorre na África centro-Ocidental, apesar da presença da CEDEAO¹⁴, uma organização de integração regional criada em 1975 em Lagos (Nigéria), que abrange quinze países e visa a integração econômica, o comércio regional e a cooperação política. Conforme observado pelo camaronês *Danyel Tom*, a França ainda persiste em interferir nos problemas políticos e econômicos de suas antigas colônias por meio da rede Foccart:

[...] O autor atribui a criação desta nebulosa a Charles De Gaulle que, ao conceder a independência às colônias francesas em África em 1960, confiou ao mesmo tempo a Jacques Foccart, responsável da Unidade Africana no Palácio do Eliseu, o cuidado de estabelecer redes de relações privilegiadas entre a França e os chefes de Estado «amigos» da França. Essas redes são conhecidas como «redes Foccart» (TOM, 2015: 48).

Tom ainda acrescenta que:

No caso dos Camarões, a acção da França irá resultar, antes da « independência », na neutralização ilegal da União das Populações dos Camarões (UPC), proibida por decreto do Estado francês do dia 13 de Julho de 1955, na sequência dos acontecimentos de Maio de 1955, em Douala, Yaounde, Mbanga, Loum, Nkongsamba, Eseka, Edea, etc., onde se deram massacres de civis por parte dos colonos; em seguida, pelo assassinato do carismático líder da UPC, Ruben Um Nyobe, em 1958, pelos franceses, e uma série de actos criminosos que vão continuar depois da « independência ». O exame minucioso destes factos vai ser feito mais tarde (TOM, 2015: 48-49).

Esse contencioso histórico evidencia claramente como o uso da força foi o instrumento principal para a implementação do neocolonialismo europeu, especialmente destacando-se a influência francesa sobre a região da África Ocidental, marcada por golpes excessivos e assassinatos de lideranças africanas.

Sem dúvida, após a década de 80, é inegável que a Europa e seus aliados do Norte Global mantêm um controle significativo sobre a África. Isso é evidenciado pelos assassinatos recentes de figuras proeminentes na África contemporânea, como Muammar Gaddafi em 2011, que advogava pela criação urgente de uma moeda africana, pela livre circulação econômica entre os países membros da União Africana (UA) e por uma verdadeira agenda africana que protegesse os interesses africanos no cenário econômico global, e John Pombe Magufuli em 2021. Magufuli, o último insurgente panafricanista da geração de 1960, em particular, defendia uma África autônoma e livre das interferências

¹⁴ “Sobre a CEDEAO”. Disponível em: <https://www.ecowas.int/sobre-a-cedeo/?lang=pt-pt>. Acesso no dia 17/06/2024.

ocidentais... Em seu último discurso em *Swahili*, disponível no canal *Kenya Digital News* no YouTube¹⁵, criticou severamente a visão distorcida e faminta que o mundo tem sobre o continente:

Devemos nos recusar a ser chamados de mendigos, a África é tão rica [...]. Não somos mendigos, somos doadores, exceto que damos sem saber. Com os nossos buracos vazios, eles usaram o dinheiro obtidos e saqueando os recursos dos nossos países para construir suas economias e em troca, eles nos deram centavos dizendo que são os doadores. Nós somos os doadores. Temos que dizer basta, sob minha administração mostrarei tolerância zero a qualquer exploração pelos imperialistas, podemos construir nossa economia sem depender de chamados doadores.

Após esse discurso em que *Magufuli* criticou a exploração do Norte Global, que vê a África como um continente faminto dependente de doações externas, embora na verdade seja um doador de seus recursos naturais, e não ao contrário, ele foi supostamente assassinado por envenenamento, a mando da França. *Magufuli* foi substituído pela então presidente Samia Suluhu no mesmo ano, e muitos tanzanianos continuam a acusá-la de estar servindo aos interesses do Ocidente até hoje.

Quando *Nkrumah* (1967) apontou o neocolonialismo como uma nova forma de controle, exploração e manutenção do poder ocidental sobre a África pós-colonial, ele ressaltou como os países colonizadores europeus possuem facilidade para interferir nos problemas econômicos e políticos africanos, frequentemente contribuindo para sua desestabilização. Ele criticou, por exemplo, a organização de cimeiras por países europeus para discutir questões africanas, sugerindo que isso reflete a visão de que a África não é capaz de se auto-governar ou resolver seus próprios problemas de forma independente.

Nessa dinâmica, comparável à relação entre o rato e o queijo, persiste uma subserviência política, perpetuando a dependência da África em relação à Europa, como ilustrado na música "*Revolução Já*"¹⁶ de *Azagaia*, disponível no YouTube:

Se te guiares pelo europeu, tu sempre serás pobre na vida
Ele sempre será o que monta e fabrica e tu o que compra e aplica
O que recebe a esmola e acredita que a Europa perdoará a dívida

¹⁵“Magufuli's last powerful speech as tanzanian president!!”. Disponível em: <https://youtu.be/2KraeN7MG5Y?si=sxbCmagu2hPGNQH7>. Acessado no dia 18/06/2024.

¹⁶ “AZAGAIA - Revolução Já”. Disponível em: <https://youtu.be/kTlxifbqnH?si=AU8rI5G5RGXQQ5Ev>. Acessado no dia 14/06/2024.

Se copiares o americano, tu sempre serás off manigga
Ele sempre terá o nome do artista e tu o de fantoche que imita
Seja na voz ou na mímica, fotocópia duma cultura não se autentica
Tu tens sangue africano a correr no mapa do teu corpo
Nunca serás ariano, francês, americano ou outro
Outro, não de qualquer outro povo
África é selvagem aos olhos azuis, abre o olho.

Azagaia argumenta que o imaginário neocolonialista europeu perpetua a visão da África como uma selva. Enquanto as lideranças marionetes africanas vivem recebendo esmolas e consumindo tudo que vem do Norte-global, a Europa e seus aliados vão continuar lucrando à custa do empobrecimento crescente dos países africanos.

Para finalizar, abordaremos como as ajudas externas e a ascensão dos discursos das lideranças africanas insurgentes no Sahel trouxeram uma nova dinâmica política, tanto na questão do controle europeu por meio do endividamento quanto na dominação contínua da Europa e de seus aliados sobre as economias africanas através do neocolonialismo, sem considerar a agenda futura global da África.

2.2 A QUESTÃO DAS AJUDAS EXTERNAS E OS DISCURSOS POLÍTICOS INSURGENTES: PROPOSTAS PARA A AUTONOMIA AFRICANA.

Na véspera da pandemia, a França sediou a cimeira França-África¹⁷ em 18 de maio de 2021, com o objetivo de elaborar um plano para ajudar o continente africano a superar os impactos econômicos causados pela pandemia da Covid-19, disponibilizando uma ajuda de 100 milhões de dólares. No entanto, dois anos depois, em 27 de julho de 2023, a Rússia também organizou sua própria cimeira, a Rússia-África,¹⁸ em São Petersburgo. Essas cimeiras provocaram debates intensos, levantando questões sobre o que é discutido a portas fechadas, que os líderes africanos não conseguem resolver entre si. Como é possível que pessoas que vivem distantes de suas casas sejam responsáveis por resolver os problemas de suas próprias nações?

¹⁷ "Cimeira França-África discute impacto económico da Covid-19". Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cimeira-fran%C3%A7a-%C3%A7a-%C3%A1frica-discute-impacto-econ%C3%B3mico-da-covid-19/a-57547674>. Acessado no dia 17/05/2024.

¹⁸ "Há países africanos com uma dívida impagável à Rússia". Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cimeira-r%C3%A9%C3%A1frica-h%C3%A9%C3%A1pa%C3%ADses-africanos-com-uma-d%C3%A9%C3%A1vida-impag%C3%A9vel-%C3%A0r%C3%A9%C3%A1frica/a-66370091>. Acessado no dia 11/04/2024.

Esses exemplos nos levam a ponderar sobre o que *Garvey* (1940) teria a dizer sobre o assunto, como retratado no documentário "O Honorável Marcus Mosiah Garvey", disponível no Youtube:

Qualquer liderança que te ensine a depender de outra raça, é uma liderança que vai escravizá-los[...]. Eles deram liderança para os nossos ancestrais e essa liderança os escravizou”¹⁹, portanto, os países europeus durante o colonialismo ensinaram os países africanos a depender deles com o objetivo de escravizá-los eternamente.

Garvey percebia a estratégia europeia de manter a África dependente economicamente como um pacto de dominação e escravidão contínua. Essa visão ecoa no discurso de *Sankara*, que, em um documentário disponível no YouTube²⁰, destacou que "a dívida é uma nova forma de colonialismo". Ele criticou os antigos colonizadores por se disfarçarem de técnicos de ajuda humanitária, chamando-os de "técnicos assassinos" que endividaram toda a África através de canais de financiamento e financiadores manipulativos. *Sankara* ainda alertou que aceitar pagar dívidas injustas herdadas do colonialismo poderia perpetuar a escravidão financeira da África por décadas.

Atualmente, a África está mergulhada em dívidas com todas as potências econômicas mundiais, o que tem contribuído significativamente para o subdesenvolvimento do continente (TATI, 2022). É amplamente reconhecido que nenhum país pode se desenvolver plenamente enquanto estiver endividado, sendo esse um dos principais fatores que limitam o progresso africano na era global. Além disso, as agendas de regimes ditatoriais internos, muitas vezes alinhados com interesses das elites globais, também têm exacerbado esses desafios.

Nos últimos quatro anos, a região do Sahel tem sido palco de mudanças políticas significativas, com mais de oito golpes de estado, incluindo notáveis em *Burkina Faso*, liderado pelo capitão *Ibrahim Traoré*, *Mali*, pelo coronel *Assimi Goïta*, e *Níger*, pelo general *Abdourahamane Tchiani*, independentes da influência francesa. Em resposta à

¹⁹ “O Honorável Marcus Mosiah Garvey”. Disponível em: <https://youtu.be/5GBCf0ItYRw?si=WEwHYkA3kI5I9NXr>. Acessado no dia 11/03/2024.

²⁰ Thomas Sankara. "...e naquele dia mataram a felicidade". Disponível em: https://youtu.be/20u-WWjM_50?si=XJjsZRUxmRoo3Ny4. Acessado no dia 11/01/2024.

ingerência francesa, *Mali, Burkina Faso e Níger* optaram por expulsar as tropas francesas de seus territórios, romper as relações com a França, deixar a CEDEAO e formar uma junta de coalizão entre os três países na África Ocidental em 2022.

Durante a cimeira Rússia-África de 2023, *Ibrahim Traoré* ganhou destaque ao criticar o neocolonialismo e o egoísmo de certas lideranças africanas ao lado do presidente russo Vladimir Putin, um aliado controverso na região. Em um vídeo disponível no canal EuAfro "*Como Ibrahim Traoré Pretende Lutar contra o Imperialismo*" no YouTube, ele enfatizou a necessidade de libertar a África do passado colonial para construir um futuro melhor para os povos africanos:

[...] A Rússia fez enormes sacrifícios para libertar o mundo de nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Povo africano, os nossos avôs, também deportados à força para ajudar a Europa para se livrar do nazismo. Nós compartilhamos a mesma história no sentido de que somos os povos esquecidos do mundo. Seja em livros de história, documentários ou filmes, tendemos a descartar o papel fundamental que a Rússia e a África desempenharam na luta contra o nazismo. Nós estamos juntos porque atualmente estamos aqui para conversar sobre o futuro dos nossos povos, do que vai acontecer amanhã, neste mundo livre que ansiamos, neste mundo sem interferência nos nossos assuntos internos. [...] As questões que a minha terra se faz são as seguintes, [...] é não entender como a África com tanta riqueza em nosso solo, com natureza generosa, da água, do sol em abundância, a África hoje é o continente mais pobre, a África é um continente faminto? E como é que os nossos chefes de estados viajam ao redor do mundo para implorar? Aqui estão algumas perguntas que fazemos a nós mesmos que ainda não respondemos. Temos a oportunidade de construir novos relacionamentos e espero que essas relações possam ser as melhores para dar um futuro melhor ao nosso povo. A minha geração também cobra, dizer que, é por este fato de pobreza que são forçados a atravessar o oceano para tentar chegar a Europa e eles morrem no oceano, mas em breve eles não vão atravessar porque eles virão diante de nossos palácios para procurar hospitais. No que diz respeito ao Burkina Faso, hoje nós enfrentamos por mais de 8 anos a forma mais bárbara, mais violenta de neocolonialismo de imperialismo. A escravidão ainda continua a se impor a nós. Os nossos predecessores nos ensinaram uma coisa, o escravo que não pode realizar a sua própria revolta, não merece pena.

Traoré ainda acrescenta que:

O povo de Burkina Faso decidiu lutar, lutar contra o terrorismo para relançar o seu desenvolvimento. Nesta luta, povos valentes de 20 populações se comprometeram a pegar em armas face ao terrorismo, o que carinhosamente chamados de VDPs de voluntários. Estamos surpresos ao ver os imperialistas tratam esses VDPs como milícia e todos os tipos, é decepcionante, porque na Europa quando o povo pegam em armas para defender seu país, são tratados em patriotas, nossos avôs foram deportados para salvar a Europa não foi com o consentimento deles, [contra a vontade deles] bem no caminho de volta, logo nos lembraremos quando ele quiseram reivindicar eles foram massacrados.

Então, não importa quando nós, o povo, decidimos nos defender somos chamados de milícia, mas esse não é o problema. O que é o problema é ver líderes de estados africanos que nada traz a estes povos que estão lutando, mas que canta igual aos imperialistas, chamando-nos milícias e chamando-nos, portanto, de homens que não respeitam os direitos humanos. De que direitos humanos estamos falando? Nos ofendemos com isso, é vergonhoso. Nós chefes de estados africanos, precisamos parar de nos comportar como marionetes que dançam sempre que os imperialistas mexem as cordas. Ontem o presidente Vladimir Putin anunciou que irá enviar cereais para África. Estamos muito felizes. Dizemos obrigado por isso. Mas também é uma mensagem é uma mensagem para os nossos líderes dos estados africanos, porque no próximo fórum nós não deveremos vir aqui, sem garantir para quem não conhece guerra, o nosso povo é autossuficiente em alimentação. Devemos levar a experiência daqueles que já conseguiram isso em África, construindo boas relações aqui e construir melhores relacionamentos com a Federação Russa por puder satisfazer as necessidades do nosso povo. Eu não sei talvez o tempo alocado seja curto, nós somos obrigados a parar, mas gostaria de terminar dizendo que gostaria de prestar homenagem aos nossos povos, aos nossos povos que lutam. Glória ao povo. Dignidade ao povo. Vitória ao povo. Pátria ou morte, iremos vencer. Obrigado, camaradas.

O discurso incisivo do jovem presidente burkinabê²¹ *Traoré* não apenas criticou as interferências ocidentais nos assuntos africanos, mas também condenou outras lideranças que se deixam corromper para facilitar a pilhagem das riquezas africanas pelo Ocidente, deixando seu povo cada vez mais empobrecido. Este discurso renovou a esperança de uma África Ocidental rejuvenescida com os ideais dos líderes assassinados nas décadas anteriores pelo imperialismo europeu.

É importante ressaltar que, sem diminuir a coragem do presidente *burquinabê Ibrahim Traoré*, o presidente russo na nossa percepção, representa a outra face do neocolonialismo europeu na África, seja de forma mansa ou dócil. Historicamente, a Rússia tem fornecido assistência geopolítica, ideológica, militar e alimentar a países africanos parceiros, conforme discutido por *Traoré*. Isso remonta à entrevista do ex-presidente burkinabê *Thomas Sankara* em 1984 disponível no Youtube²², onde o mesmo rejeita a ajuda alimentar argumentando que isso não resolve os problemas econômicos, mas cria dependência:

A ajuda externa não pode aparecer como uma solução milagrosa para todos os problemas econômicos, a ajuda externa é necessária, mas primeiro temos de

²¹ “Burkinabê”, é a forma correta de se referir as pessoas nascidas no Burkina Faso, independentemente do seu sexo ou idade.

²² *Thomas Sankara* explica en 1 minuto el objetivo real de las ayudas del FMI. Disponible em: <https://youtu.be/CAFG-PeZHKO?si=srPkqmne8ECDKtM8>. Acessado no dia 1/07/2024.

começar a trabalhar, se não trabalhar as soluções do FMI surgem como soluções facilitistas. A ajuda alimentar que recebemos não nos ajudou a desenvolver. Criou uma mentalidade pedinte, estendemos a mão para comer, isso é mau. Segundo, a ajuda alimentar faz com que os camponeses já não possam produzir, porque quando produzem já não podem vender. O excedente dos agricultores de outros países é trazido para cá, queremos outras coisas, quem nos quiser realmente ajudar, pode dar-nos arados, tratores, fertilizante, inseticidas, regadores de água, máquinas, represas, isso é ajuda alimentar. Os que vêm com trigo, painço, milho ou leite, não nos estão a ajudar.

Portanto, essa crítica se estende ao imperialismo russo, que possivelmente estará criando líderes africanos subservientes em vez de líderes fortes capazes de transformar suas economias em autossuficientes. Por isso, reiteramos *Putin* como parte do outro pacto imperialista europeu no contexto pós-colonial africano.

Por outro lado, destaca-se também a ascensão recente de dois jovens políticos senegaleses revolucionários, *Bassirou Faye* e *Ousmane Sonko*, que neste ano conseguiram derrubar o antigo regime ditatorial de *Macky Sall* no Senegal por meio de eleições presidenciais. *Faye* e *Sonko* agora são vistos como os presidentes e vice-presidentes mais jovens eleitos na África subsaariana. Ambos ganharam as eleições com discursos políticos que refletem o espírito de uma África em ascensão.

Em um discurso viral disponível no canal "*Isto é África*"²³ no Youtube, *Ousmane Sonko*, o atual vice-presidente do Senegal, na época um dos candidatos à presidência nas eleições eleitorais do Senegal de 2024, critica o neocolonialismo francês e ressuscita a bandeira do pan-africanismo na África contemporânea:

Já é hora da França tirar o joelho do nosso pescoço e pôr fim a esta opressão injusta. Séculos de miséria, tráfico humano, colonização e a neocolonização causaram um sofrimento imensurável. É hora de acabar com esse ciclo de opressão. Já era hora da França nos deixar em paz. É hora da França para pegar uma fila de seus vizinhos europeus e aprenda uma lição valiosa sobre independência. A Alemanha é a principal potência económica da Europa superando significativamente a França que é classificado como o terceiro ou a quarta maior potência económica a nível mundial. A Alemanha não explora nenhum país, nenhuma colônia, posso mencionar a Itália, [...] a Espanha, que tiveram colônias antes, mas que não exploram ninguém, não interfere, e não impõem líderes em suas ex-colônias. Com que base a França acredita que pode continuar impor líderes e fazer escolhas em nosso nome? Isto tem de acabar e a África emergente, a juventude africana, as elites africanas e a diáspora africana estão todos unidos em dizer não, não podemos mais continuar. A hipocrisia da França é evidente e presente na vida diária. Vamos examinar os casos de Mali e Chade, como principais exemplos desta hipocrisia. No Chade

²³ "França chocada com discurso viral do novo presidente do Senegal" (*Ousmane Sonko*). Disponível em: https://youtu.be/5J8C3P8nHY8?si=SsiNTEYhPP_4Z3Vd. Acessado no dia 9/06/2024.

onde o processo constitucional foi interrompido, França aplaudiu e o seu presidente visitou para consagrar oficialmente os novos reis na cerimônia de coroação. No Mali, onde não é o processo constitucional que foi interrompido, mas o processo de transição, a França condenou e até arrumou as coisas dizendo que está saindo do Mali. Isso é hipocrisia, é o duplo padrão, é a linguagem dupla que a França emprega nas suas relações com a África. Durante o interrogatório do senhor John Eve Ledrian sobre a situação na Costa do Marfim e a decisão da França de permitir um terceiro mandato, ele deu uma explicação clara, ele afirmou que enquanto ele aceitou o terceiro mandato para Ouattara ele recusa para a Bielorrússia, ele enfatizou que a França condenou a situação na Bielorrússia e incentivou ativamente a União Europeia a fazer o mesmo. Ludrian explica que na Bielorrússia milhões protestaram ao contrário da Costa do Marfim, onde não houve manifestações em massa nas ruas. É assim que a França lida com as questões africanas.

Sonko ainda acrescenta que:

Pessoalmente não esperamos absolutamente nada da França, desejamos que ela pare de se intrometer em nossos assuntos para que o povo de Senegal possam exercer a sua liberdade de escolha em vés de sendo influenciado pela seleção de um candidato pela França, usando as táticas que conhecemos, começando segmentar indivíduos adornando-os com a legião de honra ou uma classificação noturna semelhante alistando-os em lojas maçônicas e informando-os para se prepararem pois eles serão os próximos da fila, até mesmo a hipótese de que Macky Sall pode não ter sucesso , sabemos quem está sendo preparado pela França. Isso deve chegar ao fim. Isso não ocorrerá mais dessa maneira, vamos ser claros, não temos absolutamente nada contra o povo francês, na França, tanto políticos quanto as vozes dos cidadãos. [...] A França deve se preparar para uma ruptura definitiva e retirar-se completamente da África. A África pertence aos africanos não a França, ela não pertence a mais ninguém, nem a China, nem os Estados Unidos, nem qualquer outra pessoa.

O discurso de Ousmane Sonko representa o surgimento de uma nova mentalidade política na África Ocidental, marcada pela resistência ao neocolonialismo francês que ainda busca controlar e subjugar suas antigas colônias, como o Senegal. Sonko revitaliza o ideal panafricanista e inspira líderes da nova geração a adotarem uma postura nacionalista em defesa da soberania africana. Seu discurso enfatiza a responsabilidade dos próprios africanos na resolução dos problemas do continente, rejeitando interferências externas — posicionamento semelhante ao de Ibrahim Traoré, citado anteriormente. Ambos evocam a célebre frase do antigo presidente ganês panafricanista Kwame Nkrumah (1957): “A África pertence aos africanos”.

Convém realçar que, embora os discursos políticos não sustentem nem alimentem as pessoas, pois, são as políticas públicas que efetivamente melhoram as condições sociais, ainda assim, corroboramos que a África necessitava de uma nova onda

insurgente para repensar seu futuro e sua agenda global. Pois, um povo sem sua própria agenda estará fadado a seguir as agendas e discussões de outros povos.

Diante dessa conjuntura, os desafios enfrentados pelos líderes insurgentes africanos dessa geração, que lutam contra a imposição do subdesenvolvimento no continente vão além do neocolonialismo. Esses desafios incluem também os monopólios sobre a pilhagem de minerais estratégicos globais, que são alvos de cobiça por parte das grandes potências, como foi o caso do assassinato de Patrice Lumumba no Congo na década de 1960 por potências imperialistas ocidentais (TATI, 2022). Sem deixar de mencionar que, a colaboração de certas lideranças com os interesses ocidentais tem exacerbado a pobreza, a fragilidade estrutural e militar, além de contribuir para a divisão do continente em estados individualmente frágeis e impotentes (MOORE, 2010).

Assim, essas realidades geopolíticas e econômicas continuam a perpetuar o subdesenvolvimento africano, representando sérias ameaças para o futuro do continente na era contemporânea.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o subdesenvolvimento africano, torna-se evidente que ele é resultado do legado colonial, que continua a subjugar os estados políticos contemporâneos. A falta de autonomia, as ditaduras, a fome, a miséria, a desvalorização das moedas e a inflação econômica são reflexos diretos da influência europeia sobre a África. Portanto, a Europa não possui autoridade moral para criticar o atraso da África no contexto global, pois suas imposições de sistemas ideológicos — políticos, econômicos e educacionais — nos estados africanos pós-coloniais têm contribuído significativamente para o atraso atual do continente africano.

Dito isso, os desafios da descolonização africana, que envolvem a proteção dos recursos minerais e a busca pela autonomia política e econômica, requerem o engajamento não apenas de líderes como *Sonko*, *Faye*, *Goïta*, *Traoré*, mas também da juventude africana e de sua diáspora negra, unidas pelo panafricanismo. Essa união é essencial para transformar a África em um mercado financeiramente robusto e autossuficiente, através da diversificação econômica e do fortalecimento industrial, reduzindo interferências externas e promovendo uma liderança global independente que

possa significativamente melhorar a qualidade de vida das populações africanas subdesenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- Abel Chivukuvuku a 360º sobre o praia-ja, fpu, e muito mais. Disponível em: https://youtu.be/0UmtrCGIFgU?si=26K4k0xAT_NyXMnd. Acessado no dia 17/06/2024.
- AZAGAIA - “Revolução Já”. Disponível em: <https://youtu.be/kTlxifbqnhY?si=AU8rI5G5RGXQQ5Ev>. Acessado no dia 14/06/2024.
- BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- CACUTO, José Francisco. *Angola pós-indenpendente: Implicações econômicas da herança colonial*. Econ. Pesqui. Araçatuba. V 3, nl. r 22-39. mar. 2001.
- Cimeira França-África discute impacto económico da Covid-19. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cimeira-fran%C3%A7a-%C3%A1frica-discute-impacto-econ%C3%B3mico-da-covid-19/a-57547674>. Acessado no dia 17/05/2024.
- CLARKE, John Henrik. *Notes for an African world revolution: African at the crossroads*. Trenton, N.J.: Africa World Press, 1991.
- Conflito entre República Democrática do Congo e Ruanda é antigo. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2022/06/21/conflito-entre-republica-democratica-do-congo-e-ruanda-e-antigo>. Acessado no dia 02/06/2024.
- DA SILVA, Meryelle Macedo, et al. *Pan-africanismo e educação: perspectivas para o ensino das africanidades*. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, 98-117, nov. 2023.
- EASTON, David. *The Political System*. New York: Knopf, 1953.
- EASTON, David. *The Political System: An Inquiry into the State of Political Science*. New York: Alfred A. Knopf, 1953.
- FRANÇA CHOCADA com DISCURSO VIRAL do Novo PRESIDENTE do SENEGLAL (Ousmane Sonko). Disponível em: https://youtu.be/5J8C3P8nHY8?si=SsiNTEYhPP_4Z3Vd. Acessado no dia 9/06/2024.
- Grande entrevista de Sérgio Vieira na STV moçambicana. Disponível em: https://youtu.be/yvShgLQtCow?si=aPJ4MtAD_foLp4pK. Acessado no dia 22/05/2024.

- Há países africanos com uma dívida impagável à Rússia. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cimeira-r%C3%A1frica-%C3%A1frica-h%C3%A1vel-%C3%A0r%C3%A1frica-a-66370091>. Acessado no dia 11/04/2024.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KEITA, Boubacar Namory. Prefácio. In: TOM, Daniel Yagnye. *O contencioso franco-africano: os casos dos camarões, rca, togo, gabão e chade*. Trad. Juliano Mabibi. Luanda: Mayamba, 2015.
- KEITA, Boubakar N. *História da África Negra: síntese de história política e de civilizações*. Luanda. Texto editores, 2009.
- Magufuli's last powerful speech as tanzanian president! Disponível em: <https://youtu.be/2KraeN7MG5Y?si=sxbCmagu2hPGNQH7>. Acessado no dia 18/06/2024.
- MÁXIMO, Bruno Pastre. *Legislação e conflito no reino do Kongo do século XVI*. Revista Temporalidades. Belo Horizonte. Vol.9, n.3, Dezembro, 2017.
- MBEMBE, Achille. *África Insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Luanda: Edições Mulembo, 2013.
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no quotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2ªedição, 2010.
- MUDIMBE, V. Y. *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019.
- NGOENHA, Severino. *Intercultura, alternativa à governação biopolítica?* PubliFLX. Maputo. Dezembro de 2013.
- NKRUMAH, Kwame. *A Luta de Classes em África*. Portugal. Livraria Sá da Costa, 1976.
- NKRUMAH, Kwame. *Africa Must Unite*. New York: Frederick A. Praeger, Publisher, 1963.
- NKRUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

- *O Honorable Marcus Mosiah Garvey.* Disponível em: <https://youtu.be/5GBCf0ItYRw?si=WEwHYkA3kI5I9NXr>. Acessado no dia 11/03/2024.
- QUIJANO, A (2005). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.* In: LANDER, E. (ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*, Buenos Aires, pp. 227-278. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 15/02/2025.
- QUIJILA, Abel Calombo; GABARRA, Larissa Oliveira e. *Kimpa Vita: um caso de resistência contra o projeto de colonialismo na África no século XVII.* In: GOMES, Arilson dos Santos; BARBOZA, Edson Holanda Lima (orgs); *Ensaio interdisciplinares em humanidades*. Vol.5; Rio Grande: Editora da FURG, p.21-41, 2022.
- RAMOSE, M. B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. *Ensaio Filosófico*, Volume IV - outubro/2011.
- RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa. Editora Seara Nova, 1975.
- SANTOS, Harlan Gelson Rodrigues dos. *O pensamento pan-africano na contemporaneidade: o caso da Agenda 2063*. Monografia (Programa de Graduação História). Universidade de Brasília. UNEB, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/23765>. Acesso em 15/03/2025.
- Sobre a CEDEAO. Disponível em: <https://www.ecowas.int/sobre-a-cedeoao/?lang=pt-pt>. Acessado no dia 17/06/2024.
- TATI, Raul. *África-que lideranças políticas para os desafios do século XXI?* Braga: Estratégia , v. 31,pp.1-17, 2022. Disponível em: <https://ciencia.ucp.pt/en/publications/%C3%A1frica-que-lideran%C3%A7as-pol%C3%ADticas-para-os-desafios-do-s%C3%A9culo-xxi>. Acesso em 17/04/2025.
- *Terrorismo em Cabo Delgado.* Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/terrorismo-em-cabo-delgado/t-55180646>. Acessado no dia 02/06/2024.
- *Thomas Sankara explica en 1 minuto el objetivo real de las ayudas del FMI.* Disponível em: <https://youtu.be/CAFG-PeZHKO?si=srPkqmne8ECDKtM8>. Acessado no dia 1/07/2024.
- THOMAS SANKARA. "...e naquele dia mataram a felicidade". Disponível em: https://youtu.be/20u-WWjM_50?si=XJjsZRUxmRoo3Ny4. Acessado no dia 11/01/2024.
- THOMAS SANKARA: *Presente!* Disponível em: <https://youtu.be/WLO6HifjseU?si=09EgH7Dvm8C0YpH>. Acessado em 23/02/2024.

- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro* . Estados Unidos, University of Oklahoma Press, 1999.
- TOM, Daniel Yagnye. *O contencioso franco-africano: os casos dos Camarões, RCA, Togo, Gabão e Chade*. Trad. Juliano Mabibi. Luanda. Editora Mayamba, 2015.